

# O PERCURSO DA TERMINOLOGIA: DE ATIVIDADE PRÁTICA À CONSOLIDAÇÃO DE UMA DISCIPLINA AUTÔNOMA\*

*Gladis Maria de Barcellos Almeida\*\**

**RESUMO:** A Terminologia não é um domínio recente. A prática terminológica data do século XVIII, com trabalhos na área da química, botânica e zoologia (Cabré, 1993). O interesse dos especialistas de cada área pela Terminologia deveu-se à diligência desses cientistas para relacionar as denominações aos conceitos científicos. Isso se prolonga no século XIX, em que o desenvolvimento progressivo das ciências faz com que os cientistas busquem cada vez mais entender e descrever sobretudo as regras de formação dos termos de cada domínio de especialidade. A partir do século XX, a necessidade já não é somente de relacionar denominações a conceitos, mas denominar conceitos novos e, sobretudo, harmonizar as novas denominações. É nesse contexto que surge o trabalho de E. Wüster (1899-1977), que em 1931 inaugura a então chamada Teoria Geral da Terminologia, concebida como disciplina autônoma e definida como um campo próprio de relação entre as ciências das coisas e outras disciplinas como a lingüística, a lógica, a ontologia e a informática (Cabré, 1996). O trabalho de Wüster é que dá o impulso que faltava para a consolidação das pesquisas em Terminologia. A partir de 1950, a Terminologia deixou, então, de ser vista apenas como um instrumento de normalização de termos, para tornar-se mais um instrumento de comunicação (Cabré, 1993). Com esse novo enfoque, a Terminologia se consolida como disciplina autônoma, com teoria e metodologia próprias, gerando, assim, produtos terminológicos de atestada qualidade científica.

---

\* Texto apresentado como comunicação na mesa-redonda "As várias perspectivas da pesquisa lexical", por ocasião do 50º. SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL), realizado na USP-SP, em maio de 2002.

\*\* Universidade Federal de São Carlos.

**UNITERMOS:** terminología; Teoria Geral da Terminologia; Teoria Comunicativa da Terminologia.

**RESUMEN:** *La Terminología no es un dominio reciente. La práctica terminológica data del siglo XVIII, con trabajos en el área de la química, la botánica y la zoología (Cabré, 1993). El interés de los especialistas de cada área por la Terminología se debió a la diligencia de los propios científicos en relacionar las denominaciones a los conceptos científicos. Esta situación se prolonga durante el siglo XIX, periodo en el que el desarrollo progresivo de las ciencias hace que los científicos busquen cada vez más entender y describir sobre todo las reglas de formación de los términos de cada dominio de especialidad. A partir del siglo XX la necesidad ya no es solo la de relacionar denominaciones a conceptos, sino la de denominar conceptos nuevos y, sobre todo, armonizar las nuevas denominaciones. En este contexto surge el trabajo de E. Wüster (1899-1977), quien en 1931 inaugura la entonces llamada Teoría General de la Terminología, concebida como disciplina autónoma y definida como un campo propio de relación entre las ciencias de las cosas y otras disciplinas como la Lingüística, la Lógica, la Ontología y la Informática (Cabré, 1996). El trabajo de Wüster es el que da el impulso que faltaba para la consolidación de las investigaciones en Terminología. A partir de 1950, la Terminología dejó de ser vista apenas como un instrumento de normalización de términos y pasó a ser cada vez más un instrumento de comunicación (Cabré, 1993). Con este nuevo enfoque la Terminología se consolida como disciplina autónoma, con teoría y metodología propias, y genera, así, productos terminológicos de comprobada calidad científica.*

**PALABRAS CLAVES:** *Terminología; Teoría General de la Terminología; Teoría Comunicativa de la Terminología.*

## **1. A terminologia: origens**

Terminologia não é uma disciplina recente. A prática terminológica data do século XVIII, com os trabalhos de Lavoisier e

Berthold no domínio da química, ou Linné, na botânica e zoologia (Cabré, 1993, p. 21). O interesse dos especialistas de cada área pela Terminologia deveu-se à diligência desses cientistas para relacionar as denominações aos conceitos científicos. Isso se prolonga no século XIX, em que o desenvolvimento progressivo das ciências faz com que os cientistas busquem cada vez mais entender e descrever sobretudo as regras de formação dos termos de cada domínio de especialidade. Essa necessidade é expressa nos colóquios e/ou congressos internacionais de botânicos (1867), zoólogos (1889) e químicos (1892), ocorridos no final do século XIX (Cabré, 1993, p. 21).

Na primeira metade do século XX, a necessidade já não é somente de relacionar denominações a conceitos, mas denominar conceitos novos e, sobretudo, harmonizar as novas denominações. Isso porque se observa nessa época um progresso acelerado das ciências e das técnicas, como também um rápido desenvolvimento de tecnologias (Cabré, 1993, p. 22). É nessa atmosfera que surge o trabalho de Eugen Wüster (1899-1977), austríaco, engenheiro de formação, que publica na Universidade Técnica de Stuttgart (Alemanha), em 1931, sua tese de doutorado intitulada *A normalização internacional da terminologia técnica*. Com esse trabalho, Wüster inaugura a então chamada Teoria Geral da Terminologia, concebida como disciplina autônoma e definida como um campo próprio de relação entre as ciências das coisas e outras disciplinas como a lingüística, a lógica, a ontologia e a informática (Cabré, 1996, p. 6). Delineia-se, então, o caráter multidisciplinar da Terminologia. A difusão da versão russa da tese de Wüster suscita um maior interesse pela Terminologia nos domínios especializados e influencia a criação do Comitê Técnico 37 "Terminologia" (TC37) da ISA (*International Standardization Association*) da Federação Internacional das Associações Nacionais de Normalizadores, a precursora da atual ISO (*International Standardization Organization*) (Cabré, 1993, p. 22; 1996, p. 11).

O que é curioso é o interesse tardio dos lingüistas pela Terminologia, já que, até a primeira metade do século XX, os verdadeiros protagonistas dessa disciplina eram os próprios especialistas de cada área. A razão de a Terminologia ter-se tornado objeto de interesse dos lingüistas, a partir da década de 1950,

deve-se ao fato de ela deixar de ser vista apenas como um instrumento de normalização de termos, para tornar-se mais um instrumento de comunicação (Cabré, 1993, p. 22).

## 2. Da Teoria Geral da Terminologia (TGT) à Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

A teoria iniciada por Wüster e continuada pelo grupo de terminólogos, lingüistas e especialistas em documentação – que constituía o *Infoterm*, o Instituto Austriaco de Normalização e o Instituto Internacional de Investigação Terminológica – é considerada o desenvolvimento teórico mais sistemático e coerente já realizado sobre os termos (Cabré, 1996, p. 6).

Wüster considerava a língua científica e técnica como a “língua de uso” oposta à “língua literária”. Com o objetivo de eliminar a ambigüidade da linguagem técnica e transformá-la em um instrumento eficaz, Wüster, “o engenheiro”, propôs um método que acabou tornando-se imprescindível na tecnologia: a normalização. Assim nasce a idéia da normalização da terminologia e da organização consciente da língua (Felber, 1996, p. 19).

O propósito de difundir terminologias normalizadas que contribuíssem para uma comunicação inequívoca regeu todo o trabalho de Wüster e acabou dando à TGT a configuração de uma terminologia **representativa**, já que era preponderante denominar e etiquetar a informação, e **prescritiva**, pois as terminologias precisavam ser controladas para que a comunicação fosse inequívoca, eficaz, segundo Wüster.

De acordo com Cabré (1999, p. 129), a TGT é uma teoria sistemática e coerente, válida para resolver um tipo de comunicação: a comunicação estandardizada; entretanto, essa teoria utiliza uma série de princípios que se mostram pouco satisfatórios no âmbito da comunicação real, já que a comunicação estandardizada é apenas uma das possibilidades da comunicação real.

É nesse sentido que, a partir dos anos 1990, começam a surgir críticas à TGT, pois, de acordo com alguns especialistas em terminologia, a teoria de Wüster não permite descrever satisfatoriamente o léxico especializado. A pluralidade tipológica dos

trabalhos causada pelas distintas necessidades terminológicas, a dinâmica constante dos domínios especializados e, fundamentalmente, a diversidade da terminologia determinada pelas características pragmáticas da comunicação contribuem para que a TGT seja tomada hoje como uma teoria insuficiente (Cabré, 1999, p. 129).

De acordo com Cabré et al. (1998, p. 36-7), a insuficiência da TGT deve-se aos seguintes pontos:

- a) **Logicismo** – o método de análise lógica da realidade é a forma ‘científica’ de descrever o mundo. Esse aspecto se mostra, por exemplo, na descrição dos tipos de relações entre os conceitos, que aparecem dominadas por um modelo de organização do conhecimento de caráter hierárquico e binário. Os tipos de relações que fogem a esse modelo são somente apontados e não são suficientemente descritos.
- b) **Universalismo** – o método de análise do conhecimento especializado tem pretensões universais, explicitados, por exemplo, nas normas sobre princípios e métodos internacionais aprovadas pela ISO. Assim, a mesma análise do conhecimento especializado acaba aplicando-se, da mesma forma, a contextos geográficos e a realidades socioeconômicas, culturais e lingüísticas completamente distintos.
- c) **Estatismo** – ainda que a TGT reconheça o fato de que os conceitos evoluem, seu modelo de representação do conhecimento tem um caráter marcadamente estático, fruto de seu propósito de adotar uma perspectiva de estudo estritamente sincrônica, não sendo capaz de integrar em sua análise da realidade nenhum elemento que dê conta do caráter dinâmico, evolutivo do conhecimento especializado, bem como de suas denominações.
- d) **Reduccionismo** – o âmbito original de aplicação da TGT era a técnica em geral, e a mecânica e a engenharia em particular. Ao tentar estender esse modelo de representação da realidade a outras disciplinas (como as ciências aplicadas, sociais e humanas), ou mesmo a outros domínios especializados por critérios pragmáticos (como as profissões, por exemplo), a TGT encontra uma re-

dução considerável da capacidade de descrição do modelo, que não consegue dar conta de realidades tão distintas.

- e) Idealismo** - como conseqüência dos itens mencionados acima, a terminologia proposta pela TGT parece querer refletir um mundo idealizado, em que os conceitos são entes preexistentes às línguas, criados por consenso em um laboratório e que etiquetam, por meio dos termos, realidades com valor supralingüístico e supracultural.

A TGT, então, começa a dar lugar a uma teoria mais ampla e flexível, denominada Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), cujo instrumental teórico-metodológico pode explicar melhor os fenômenos que envolvem a comunicação especializada e melhor descrever suas unidades mais representativas, os termos, de forma a abranger toda a sua complexidade.

### **3. Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT): novo paradigma terminológico**

Os paradigmas da TCT estão estabelecidos em Cabré (1999). Todavia, sua obra anterior (Cabré, 1993), bem como conferências, seminários e cursos ministrados pela autora já acenavam com diferentes perspectivas de abordagem sobre a Terminologia.

Assim, a partir da proposta estabelecida em Cabré (1999) e discutida em Cabré et al. (1998), faremos, aqui, uma breve exposição dos pilares teóricos que servem de base para esse novo modelo.

**I.** Os objetos terminológicos (conhecimento especializado, textos especializados e unidades terminológicas) devem ser estudados sob três perspectivas: a perspectiva **social**, a perspectiva **cognitiva** e a perspectiva **lingüística**. A primeira refere-se às características que deve ter um trabalho terminológico para ser eficiente aos fins a que se propõe e adequado às necessidades comunicativas dos profissionais e dos usuários em geral. A segunda - perspectiva cognitiva - diz respeito ao conhecimento do domínio especializado que será objeto do trabalho, posto que sem conhecer as especificidades da área-objeto não é possível

identificar a sua terminologia e, menos ainda, estruturá-la. E, finalmente, a perspectiva lingüística refere-se ao uso de um modelo que abranja a competência e a atuação. Dessa forma, a Terminologia, vista como uma disciplina lingüística, deve dar conta da descrição dos códigos, da descrição dos atos comunicativos especializados reais, da explicação do funcionamento da terminologia dentro da linguagem natural e da elaboração de aplicações terminológicas diversas que satisfaçam necessidades comunicativas igualmente diversas (Cabré et al., 1998, p. 37 et seq.; Cabré, 1999, p. 133-34).

**II.** Os termos não são unidades de um sistema artificial e auto-suficiente como as nomenclaturas técnico-científicas; eles pertencem ao sistema lingüístico. As regras gerais que regem o funcionamento do léxico são as mesmas que regulamentam os termos; assim, determinadas diferenças entre termos e palavras se anulam (Cabré et al., 1998, p. 38). Em outras palavras: não existe, pois, um conjunto de termos isolados constituindo uma língua marginal à língua geral; o que há são signos da língua natural que se realizam ora como palavras, ora como termos.

**III.** A variação é entendida como fenômeno natural, inerente à linguagem. Nesse sentido, a variação deve ser considerada e deve estar adequadamente descrita na terminologia, e não eliminada nem reduzida a fim de favorecer uma comunicação especializada precisa e unívoca, sem ambigüidades (Cabré et al., 1998, p. 38). Como postula Finatto (1996, p. 67), “as melhores perspectivas para uma comunicação especializada de melhor qualidade, em qualquer área do conhecimento, constroem-se também a partir do reconhecimento da naturalidade e inerência da variação terminológica como um tipo de variação lingüística”.

**IV.** A especialização (ou não) de um conceito deve ser estabelecida por critérios temáticos ou pragmáticos. Os conceitos não têm um modo de funcionamento distinto dos significados da língua geral, que, aliás, também podem apresentar graus de especialização (Cabré et al., 1998, p. 38).

**V.** Os conceitos sofrem influência dos fatores socioculturais e lingüísticos de uma comunidade, como também são influenciados pelos canais comunicativos por onde eles circulam e se difundem (Cabré et al., 1998, p. 38).

Com essa breve exposição do eixo principal em torno do qual gravita a TCT, podemos perceber que a referida teoria pretende estabelecer os fundamentos de uma teoria mais ampla da Terminologia, de forma a instrumentalizá-la mais e melhor para dar conta de estudar e descrever completa e suficientemente os objetos terminológicos.

#### **4. A aplicação da TCT**

A terminologia que se faz hoje difere muito daquela terminologia clássica postulada por Wüster na Teoria Geral da Terminologia (TGT). Conforme já mencionamos, não há dúvida de que a TGT é uma teoria sistemática e coerente, todavia, ela é válida para dar respostas a um tipo de comunicação: a comunicação estandardizada (Cabré, 1999, p.129).

Como acreditamos ser impossível controlar o falante e a sua linguagem, mesmo sendo em situações especializadas, postulamos que somente flexibilizando a teoria e a prática terminológicas poderemos dar conta de descrever a realidade das terminologias especializadas tais como elas se apresentam, ou seja, com toda a diversidade inerente a qualquer registro de linguagem, incluso as comunicações especializadas. É justamente essa flexibilização tanto da teoria quanto da prática terminológicas que encontramos na TCT.

Daí a razão da escolha dessa perspectiva teórica para a elaboração do Dicionário de Revestimento Cerâmico, produto da aplicação que nos propomos a fazer.<sup>1</sup>

A metodologia do trabalho terminológico exige o cumprimento de uma seqüência de etapas, e todas elas devem ser desenvolvidas com o assessoramento de especialistas da área-objeto, uma vez que o terminólogo, ao iniciar um projeto com fins terminográficos, não tem o necessário domínio e conhecimento da área escolhida para o trabalho, não podendo, portanto, prescindir da ajuda do(s) especialista(s). Esse conhecimento requeri-

---

<sup>1</sup> Uma edição piloto desse dicionário (que ainda está sendo elaborado) foi apresentada como parte de minha tese de doutorado cujo principal objetivo foi a aplicação da TCT.

do vai-se construindo à medida que o terminólogo vai-se comprometendo com o projeto, mas, ainda assim, a presença do especialista é necessária, como podemos perceber na seqüência descrita a seguir.

A nosso ver, são essas as etapas constitutivas – e imprescindíveis – de um projeto terminológico:

- a) delimitação da área-objeto;
- b) identificação das instituições, associações e/ou demais organismos que representam e/ou fazem parte dos setores envolvidos com a área-objeto;
- c) escolha dos representantes de cada um dos setores acima mencionados;
- d) seleção das fontes (textos escritos, textos digitais, fontes orais etc.);
- e) organização da estrutura conceitual, *“etapa imprescindível para a elaboração de uma obra terminográfica e, de forma mais ampla, para a orientação de qualquer empreendimento terminológico”* (Castillo, 1997, p. 21). A Terminologia ocupa-se dos conceitos/termos de um domínio especializado, e os conceitos não estão isolados, eles formam redes de relações. Assim, para a elaboração de trabalhos em Terminologia é necessário que se faça uma estruturação conceitual do campo especializado com o qual se está trabalhando. A organização da estrutura conceitual é capaz de fornecer, a partir do “recorte” que se faz do domínio em questão, um perfil exato dos conceitos com os quais o pesquisador terá de trabalhar e dos tipos de relações que irá encontrar. A partir da elaboração da estrutura conceitual, é possível recuperar não apenas a organização do conhecimento do domínio que se toma como objeto de estudo, mas também todas as relações entre os conceitos e todas as possibilidades de denominação desses conceitos. Ao transpor a estrutura conceitual para uma base de dados informatizada, torna-se mais fácil: i) a coleta de termos, já que os termos recolhidos são classificados no ponto certo da estrutura; ii) a seleção dos termos que se constituirão entradas, pois todos estão situados em seu respectivo campo nocional, de forma que a sua relevância seja mais facil-

mente percebida; iii) a organização da rede de remissivas, posto que todas as relações conceituais são mais facilmente recuperadas; iv) a elaboração das definições, pois o armazenamento dos termos na estrutura torna perceptível os paradigmas definicionais; e, finalmente, v) o preenchimento das fichas terminológicas, uma vez que a maior parte das informações a serem anotadas nos campos previstos nas fichas serão facilmente recuperadas;

- f) seleção dos termos que constituirão entradas do dicionário: os termos são selecionados de acordo com o critério de relevância de cada termo no campo nocional do qual faz parte;
- g) elaboração das fichas terminológicas: etapa igualmente importante num trabalho terminológico. As fichas funcionam como verdadeiros dossiês dos termos, trazendo todas as informações que forem pertinentes para cada tipo de trabalho; por isso, há muitos modelos de fichas terminológicas. A inclusão ou não de determinado campo numa ficha terminológica vai depender da relevância daquela informação para o trabalho em questão;
- h) organização do dicionário: macro e micro estruturas. No que concerne à microestrutura, é importante ressaltar que cada verbete contém informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não-sistemáticas (informações não recorrentes) a serem definidas pela equipe.

A elaboração de um dicionário especializado, sob a perspectiva teórico-metodológica da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), permitiu-nos experimentar todas as etapas que compõem a execução de um produto terminográfico, confirmando a metodologia proposta e colaborando para que algumas etapas do trabalho tornem-se mais sistemáticas e eficazes. Essa colaboração que oferecemos a partir da aplicação da TCT diz respeito a:

- a) organização de uma base de dados que permitiu reproduzir no computador a estrutura conceitual criada para o domínio de investigação;

- b) contraste entre o uso e a competência terminológica em dois universos do domínio de especialidade dos Revestimentos Cerâmicos – o acadêmico e a indústria –, demonstrando de que forma podemos tratar da diversidade num produto terminográfico, no sentido de facilitar a comunicação especializada;
- c) elaboração de um dicionário monolíngüe, com equivalências em espanhol, inglês e italiano, oferecendo, assim, a primeira fonte de referência terminológica em língua portuguesa no referido domínio;
- d) contribuição – por meio do suporte teórico e metodológico oferecido pela TCT – para a melhoria da comunicação entre os profissionais que desenvolvem atividades relacionadas a Revestimentos Cerâmicos.

## 5. Conclusão

A aplicação da TCT autoriza-nos a ratificar a eficácia da Teoria Comunicativa da Terminologia na execução de produtos terminográficos. Essa eficácia metodológica é, na verdade, facultada pelos fundamentos teóricos propostos pela TCT. Como a referida teoria é mais ampla e flexível, ela acaba abrindo possibilidades distintas para tratar de realidades também distintas.

Ressalte-se que a função precípua do sistema lexical de uma língua natural é nomear o mundo, e o mundo inclui as ciências e as técnicas. Portanto, expressar o mundo sem Terminologia não é expressar o mundo completo.

A propósito da necessidade de se fazer Terminologia no Brasil, gostaríamos de finalizar, assinalando que um importante fator que contribui para a consolidação de uma língua é o quanto ela é capaz de comunicar tecnologias, porque, assim, ela se torna apta a participar dos cenários de prestígio no mundo moderno. Daí a relevância de se fazer Terminologia e de sistematizar terminologias.

Acreditamos que somente integrando a linguagem ao processo de mudança social poderemos chegar a resultados satisfatórios no tocante ao desenvolvimento tecnológico; e a Terminologia é um dos instrumentos para isso.

**Referências bibliográficas**

- CABRÉ, M. T. (1993) *La terminología – teoría, metodología, aplicaciones* (trad. castelhana de Carles Tebé). Barcelona, Editorial Antártida/Empúries, 529 p.
- \_\_\_\_\_. (1996) Importancia de la terminología en la fijación de la lengua. *Revista internacional de língua portuguesa*. n. 15, jul. 96. Lisboa, Editorial Notícias, p. 9-24.
- \_\_\_\_\_. et al. (1998) La terminología hoy: replanteamiento o diversificación. *Organon*, v. 12, n. 26, p. 33-41.
- \_\_\_\_\_. (1999) *La terminología: representación y comunicación – elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Barcelona, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 369 p.
- CASTILLO, R. A. (1997) *Cómo hacer un diccionario científico técnico*. Buenos Aires, Editorial Memphis, 188 p.
- FELBER, H. (1996) En memòria d'E. Wüster. In: CABRÉ, M. T. *Terminologia – selecció de textos d'E. Wüster* (trad. catalã de Anna C. i Galera e Teresa G. i Morell). Barcelona, Servei de Llengua Catalana – Universitat de Barcelona, p. 17-29.
- FINATTO, M. J. B. (1996) Unidade e variação na língua portuguesa: a variação em Terminologia. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, p. 64-68.